

**CRIAÇÃO E
RECEPÇÃO EM
“WERTHER”:
PRÁTICA DE
ENSINO, LEITURA
E PRODUÇÃO
LITERÁRIA NA
OBRA DE GOETHE.**
*CREATION AND
RECEPTION IN
“WERTHER”:
PRACTICE OF
TEACHING, READING
AND LITERARY
PRODUCTION IN
GOETHE’S WORK*

Waldiney Santana da Costa (UFMT/SEDUC-MT)¹

¹ Acadêmico do Programa de Doutorado em Estudos de Linguagem, área de concentração: Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT/Campus Universitário de Cuiabá-MT/Brasil. Professor de Língua Portuguesa e Literatura, vinculado à SEDUC-MT. E-mail: waldineysantana@unemat.br

RESUMO: O estudo propõe um breve diálogo entre leitor e obra, bem como evidencia as manifestações de sentido literário ao longo do tempo. Tendo como leitor o centro das discussões, revela a partir de teorias da Recepção, e das incidências do Trágico em obras da modernidade, aspectos particulares de “Os sofrimentos do jovem Werther” (1774). Suscita questionamentos a fim de se compreender as camadas que a constituem o personagem, tanto no aspecto estético ou social. Por meio de indagações, desperta o incentivo ao hábito da leitura literária e, permite ao leitor compreensão de como os efeitos da trama (efeito Werther) em suas relações de historicidade trágica, tem afetado direta ou indiretamente a sociedade. Apresenta ainda, como exercício de escrita criativa e de incentivo à leitura literária um insight como possibilidade de recriação da parte final da referida obra, a fim de preencher lacunas de significações impulsionadas por experiências estéticas elementos sociais, históricos e culturais que permeiam essa produção historicamente.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Recepção e Criação; Efeito Werther

ABSTRACT: The study proposes a brief dialogue between the reader and the work, as well as showing the manifestations of literary meaning over time. Having the reader as the center of the discussions, it reveals, based on theories of Reception, and the incidence of the Tragic in works of modernity, particular aspects of “The sufferings of young Werther” (1774). It raises questions in order to understand the layers that constitute the character, both in the aesthetic and social aspects. Through inquiries, it awakens the incentive to the habit of literary reading and allows the reader to understand how the effects of the plot (Werther effect) in its tragic historicity relations, have directly or indirectly affected society. It also presents, as an exercise in creative writing and an incentive to literary reading, an insight as a possibility of recreating the final part of the aforementioned work, in order to fill gaps in meanings driven by aesthetic experiences, social, historical and cultural elements that historically permeate this production.

Keywords: Literature Teaching; Reception and Creation; Wheter Effect

Introdução

Ainda no presente, não há como entender o processo de maturação do movimento literário do Romantismo, que se evidenciou no século XVIII, sem passar pelas páginas de Goethe, em sua obra prima “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (1774). Críticos literários dizem que Werther, personagem principal, seria um ser impulsivo, arrogante ou mesmo, questionador. Arrisco-me aqui, porém, como mero expectador/ leitor afirmar que este era apenas um amante!

O platonismo² se personificou no protagonista de tal modo que se confundira ao próprio conceito de idealização do outrem. A obra se constrói em uma trama fadada ao suicídio do herói motivado por amor. Um amor impossível? Talvez! Incondicional eu diria. Construído a cada instante em que os olhares de Werther e Charlotte se entrelaçavam em uma metafísica excessiva.

Nessa perspectiva, a partir do estudo que se apresenta, tendo por base autores que discutem a incidência do trágico em obras da modernidade, como Machado (2012), entre outros, serão abordados temas de interpretações críticas sobre os aspectos constantes na obra que sobressaem e se inscrevem no enredo/ história e que podem ser relacionadas à própria vida do Autor.

Aliado a isso, a partir da teoria da recepção e do prazer do texto, prefigurada pela oportunidade de dar protagonismo ao leitor, nas concepções de Zilberman (2015), bem como

² Corrente filosófica criada por Platão em que se defende a teoria idealista de que quanto mais pensada a ideia, maior a chance de se realizá-la. As soluções estão no mundo inteligível, por ser mais confiável, uma vez que o mundo material trata da apareceria superficial das coisas (MARQUES, 2020).

fundamentos da escrita criativa propostos por Chartier (1998), proponho, após leitura crítica e partir de indagações levantadas, o encontro de novos caminhos para a trama que percorre dois séculos e meio em nossa história.

Tendo o foco principal o leitor, a concepção de literatura defendida pela recepção, se revela pelo movimento que se institui de forma individual, ou seja, cada um reage de uma forma diferente e a recebe de modo particular. Nesse sentido, a motivação literária é que o conduz a uma mudança de comportamento e, é a partir desse papel social atribuído a esta, que faz o leitor agir em detrimento de um tópico abordado pela leitura.

A estética da recepção, nessa perspectiva, pressupõe “que a vida histórica da obra literária, não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário”. (ZILBERMAN, 2015, p.50). Compreende-se, portanto, que esta considera o leitor como parte integrante do texto e revela a capacidade da obra de se desprender de seu tempo original e responder às demandas dos novos leitores.

Tendo o texto literário e o leitor como partícipe decisivo do processo de recepção, esse estudo se constrói com foco na promoção de medidas para leitura de suas significâncias, buscando discorrer sobre como a obra pode apresentar-se por diversos sentidos e, ainda oportunizar a criação literária como alternativa para o fomento do leitor crítico.

A leitura atualmente tem assumido uma significação “tanto literal, quanto metafórica e, envolve a sociedade em busca de encontrar sua identidade” (ZILBERMAN, 2015, p.09). Isso afeta o leitor em tomada de decisões que podem impactar

diretamente não só sua vida, como também, de todo um grupo social.

Desse modo, a leitura literária necessita alicerçar-se em fatores que permitam instigar, esmerar a compreensão, a crítica e o posicionamento do leitor. Assim, deve-se refletir quanto às formas de potencializá-la, para estimular as significações na obra e no sujeito que a lê.

Reforço, nesse sentido, que não intento desmistificar, desconstruir personagens já eternizados no imaginário literário. Será, no entanto, apresentado um exercício de escrita criativa a fim de incentivar experiências de ensino de literatura tendo como base o leitor como destaque, uma vez que “a leitura deve ser vista sempre por apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1998, p. 75).

Partindo da análise crítica, ao observar aspectos em que a obra “Os Sofrimentos do Jovem Werther” se apropria, geram-se questionamentos a fim de compreender as camadas que constituem essa arte. Tais são vertidas pela ótica da estética e ampliam-se pela visão social. A literatura, nesse sentido, é formada pela individualidade que impulsiona as experiências estéticas e pelos elementos sociais, históricos e culturais que permeiam sua criação (BOSI, 1975).

O leitor torna-se um caçador que percorre terras alheia, considerando que o texto não se configura como sentido completo àquele que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor” (CHARTIER, 1998, p. 75). Assim, há pistas que são deixadas para que o leitor mergulhe no mundo verossímil, da

imitação e se reconheça em detrimento dessas significações.

Na obra há nuances que precisam ser exaltadas, isto é, destacas, como o próprio gênero epistolar, as confissões e o possível triângulo amoroso. Ressalto também a ênfase no desejo pelo impossível, que talvez pudesse ser possível. Daí, tantas indagações que geram conflitos na mente do leitor. E, é esta a magia de Goethe que transpassa gerações, o tempo e a história, provocando delírio e oportunizando tantos debates e, por ser uma leitura singular, posiciono-me neste estudo em primeira pessoa.

“Os sofrimentos do jovem Werther”: *o delírio posterior em seus leitores*

O romance é transcrito por meio de epístolas. Nestas, o espaço e o tempo ocorrem de formas diferentes entre quem emite e quem recebe a mensagem. A carta é remetida a um destinatário, que se encontra ausente no momento em que se está escrevendo. Todavia, ao ser consolidada a leitura pelo receptor, invertem-se os papéis e, quem não está presente é o emissor. O tempo da escrita torna-se passado. Há, pois, a ocorrência de um diálogo não imediato, uma vez que a distância espacial e temporal se interpõem entre ambos. (MIRANDA; CUNHA: 2006)

Em Werther (1774) são descritas a paixão profunda, tempestuosa e desventurada. O protagonista vê, ou acredita estar vendo, seus sentimentos correspondidos, mas sofre com a impossibilidade de consumá-los, pois o objeto de seu amor, a jovem Charlotte, (*doravante* Carlota) já está prometida a outro homem e, tal fato é a condicionante imperativa.

Há grandes indícios de que a obra possa ter detalhes autobiográficos, pois Goethe teve um relacionamento de forte

amizade com Charlotte von Stein, casada com outro homem (BACKES, 2010). Para Werther, personagem, a vida só teria sentido ao lado de sua amada. A cada gesto, dança e, até mesmo em meio a bofetadas, *(que levava para se afastar de Carlota)* o faz se apaixonar cada vez mais por ela.

“Os sofrimentos do Jovem Werther” é a história (contada em cartas) de uma paixão cujo limite é a própria morte. É a negação de um homem em relação à sociedade e ao mundo despido dos valores emocionais. Quando de seu lançamento em 1774, esta obra-prima gerou uma onda de suicídios entre os jovens que se identificavam com o destino trágico de Werther. O romance mais famoso da literatura alemã, “Os sofrimentos do Jovem Werther” é a história de uma paixão cujo limite é a própria morte. É a negação de um homem em relação à sociedade e ao mundo despido dos valores emocionais. (VITORINO, 2020, sic)

Werther se consolida como impacto histórico que se faz presente ainda em discussões nos dias atuais. Segundo o posfácio da obra de Goethe, edição 2010:

“A força de Werther na Literatura Universal é conhecida e sabida. É raro o escritor, no mundo inteiro, que se aventura ao romance sem passar, de um jeito ou de outro, pelo Werther de Goethe. Na Alemanha – e aí estamos falando de influência direta e visível – o livro foi amado e odiado, louvado e escarneado. Mas jamais houve alguém que passasse de lado por ele, desconhecendo sua importância”. (WERTHER- Edição Comentada, 2010)

A obra é o marco referencial do Romantismo Universal. Revela o desejo exagerado de um jovem por uma dama e, à medida que este tenta se afastar dela, mais se

encontra em um amor arraigado e feroz. Alguns leitores dizem se tratar de amor platônico, ainda que não discorde, vejo como chama e desejo carnal de posse. É pele! A alquimia de Goethe consegue transformar arte em drama, amor em ódio, enfim, vida em morte.

Acompanhar Werther na busca por viver um amor que torna-se a sua vida é algo doloroso e nada fácil, pois é com uma narrativa lírica que Goethe conduz o leitor até o âmago dos sentimentos de um homem que, cada vez mais entregue ao que sente e vendo a impossibilidade de concretizar esse amor, vai perdendo aos poucos o gosto pela vida e conduzindo o seu estado de espírito conforme aquilo que obtém de Lotte. Ele absorve cada gesto e palavra dela como se fosse um alimento que ele necessita para estar vivo. Essa profusão de sentimentos se intensifica principalmente pelo leitor não conseguir vislumbrar de maneira clara aquilo que se passa pela mente e coração de Charlotte, de modo que há uma dificuldade em entender as interpretações de Werther. (VITORINO, 2020)

Ao refletir após leitura da obra de Goethe pode se notar que o jovem, ao longo da trama, se constituiu em ser que age pela emoção e se deixa direcionar pelas perspectivas além de suas forças e da moralidade tradicionalmente imposta por uma sociedade cruel e desumana. É sabido que a amada do nobre está comprometida, desde antes de conhecê-lo e, tal falta imputaria crime de infidelidade e contra honra para ambos.

Segundo um estudo realizado sobre a sociedade em tempos remotos, a figura da mulher adúltera era considerada tal qual a de uma prostituta e deveria ser eliminada por pena de morte. Para o homem, a ele era imputado crime de ofensa grave contra a honra do marido e, quando não assassinado, perdia seus bens

e/ou era deportado para uma terra distante. (PACHECO, 2017)

De volta às páginas de Goethe, que Werther se suicidou é fato! Está tatuado nos registros históricos da literatura. E, nesse instante, passo a relembrar um momento crucial do romance epistolar que envolve um pedido de Werther para Alberto (*seu concorrente/ marido de Carlota*) para que lhe empreste as armas para seu intento:

Após recebê-las, sendo as entregue por seu criado que lhe contara que Carlota fora quem pegara a arma, o insano desejo da morte povoa a mente do nobre Rapaz: o criado chegou com as pistolas à casa de Werther, que tirou-lhas das mãos encantado quando soube que fora Carlota quem as havia dado. Mandou que trouxessem pão e vinho, disse ao criado que fosse jantar e pôs-se a escrever: “Passaram por tuas mãos e tu lhes tiraste o pó, beijou-as mil vezes, tocaste nelas! E tu, espírito dos céus, favoreces a minha resolução! E tu, Carlota, me apresentas o instrumento, tu, de cujas mãos eu desejava receber a morte e, ah... agora a recebo. Oh, como eu interroguei o meu criado! Tu tremias ao entregar-lhas, não disseste adeus! Ai! Ai! Nem um adeus! Fecharme-ias tu o teu coração, apenas por causa daquele momento que me uniu a ti por toda a eternidade? Carlota, séculos e séculos não lograrão apagar esta impressão! E eu sinto que não poderias odiar aquele que se abrasa tanto por ti.” [82 sic]

Tal pensamento alienado domina o jovem, que não vê outra saída, senão a que se mantém inscrita na memória literária da nação. Assim, a obra evidencia-se pelo intento de considerar que, mesmo na modernidade, há textos poéticos apresentando por eixo central, o destino traçado pelo trágico.

Este, o destino, passa a determinar situações fora do alcance humano, cria o caos e reveste o leitor de catarse, quando

trata da liberação de emoções ou tensões reprimidas ou estranhas à natureza humana. É importante salientar que quando consideramos modernidade, atentamo-nos às ponderações de Machado (2012, p.05) que entende modernidade como “período iniciado em meados do século XVII com a filosofia de Descartes”.

O enredo inexplicável apresenta pontos particulares que culminam em um suicídio ligado ao amor impossível. Os elementos do trágico nessa obra podem ser compreendidos em sua essência independente da forma da tragédia clássica. São, pois, características que apontam uma gradação de situações que geram a tomada de decisão, que no caso de Werther foi a opção de tirar sua própria vida.

Por esse ângulo de abordagem, é perceptível compreender que desde o primeiro momento em que Werther pôs seus olhos sobre Carlota, sabia que ela era comprometida, e respeitava a condição dela, colocando o noivo Alberto acima de si, como alguém que de fato deveria desposá-la. Mas, com o passar do tempo e da permissão do protagonista, o sentimento que revestia o jovem o fez desejar a morte, para que assim, pudesse tê-la em seus braços.

Há um espaço temporal em que as relações de amizade entre Werther e Carlota se estabelecessem em camadas de sentimentos, ora pueris, ora ardentes, às quais permitiram construir desejos a partir das boas conversas, companhia e amizade pactuada por ambos.

Em plena consciência, o jovem articulou encontros, buscou conquistar a virgem e se interpôs no caminho do casal. Conseguiu atrair a atenção da moça, roubando-lhe um beijo e tornando-se inconveniente para a amiga e para a relação social que Carlota e Alberto mantinham com ele. O desejo insano, portanto, o fez

produzir sua própria morte, como cena teatral que se misturava com a própria realidade.

A trama se interpõe como guia para consumação do ato do suicídio do Protagonista, mas sai do âmbito literário e percorre as veias e mentes dos leitores históricos e contemporâneos encontrando na narrativa a solução para seus delírios romanescos e paixões mal resolvidas.

Do ponto de vista dos aspectos trágicos contidos em uma obra, Machado (2012, p. 290) aponta que alguns textos nos salvam do sofrimento primordial do mundo, do mesmo modo que a “imagem simbólica do mito nos salva da intuição imediata da ideia suprema do mundo, e o pensamento e a palavra nos salvam da efusão desenfreada da vontade inconsciente.” Assim, por ser se tratar de um enredo firmado como trágico e, em parte, autobiográfica, se um homem que ao se apaixonar por uma mulher, mesmo sabendo que ela é comprometida, ao saber que irá se casar com “outro,” comete suicídio.

Assim se constrói o enredo de *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang Goethe. A obra poderia ser mais uma trágica história de amor da literatura, mas levou a um grande problema: o suicídio de muitas pessoas na Europa que se mataram usando uma pistola e roupas parecidas com as do protagonista. Referindo-se a este incidente histórico, Phillips (1974) deu-lhe o nome de efeito de Werther. (ALMEIDA: 2000)

A narrativa, historicamente, foi usada para nomear o Efeito Werther, “que é quando ocorre um aumento do número de suicídios depois de um caso amplamente divulgado” (IBIDEM). É importante salientar, porém, que estudos ligados à psicanálise dispõem sobre situações em que eventos ou fatos históricos

amplamente difundidos podem ter interferência direta na conduta ou na tomada de decisão/ação de um indivíduo. São os chamados gatilhos emocionais que quando acionados podem desencadear reação psíquica intensa e excessiva (MIRANDA; CUNHA, 2011).

Apesar de estudos psicanalíticos a cerca do tema, no entanto, não pretendo debater interpor se a obra induz ou não o leitor para tal prática e, sim destacar significações que provocam deleite quanto à manifestação artística e inferem em questões sociais, na época em que foi publicada e, que ainda afeta o leitor em dias atuais. É o que se pode chamar de atemporalidade de uma obra literária, por se tratar de aspectos da vida nos quais são de contínuo apelo pela humanidade, como amor, vida ou mesmo a morte.

Nesse sentido,

Esse prazer é o deleite que o conflito trágico proporciona ao espectador que presencia o triunfo da ordem moral com a vitória da razão, da vontade humana, da liberdade, sobre o sofrimento. Se o espectador pode sentir prazer, alegrar-se com a representação da dor, é porque a razão, ou melhor, a vontade do herói trágico é capaz de triunfar dessa dor, é capaz de se comportar perante essa dor com a maior dignidade, ao se manter livre do “impulso egoísta” (MACHADO, 2012, p. 278)

O destaque, portanto, é para o movimento em que a obra se apresenta em características da constante presença do trágico, apresenta-se como se o destino, ou força superior estivessem a guiar os passos de Werther, ao mesmo tempo em que humaniza o jovem quando permite a personificação mental do leitor, que se coloca no lugar do personagem, à medida que os

fatos angustiantes são narrados pelas epístolas encaminhadas ao amigo Guilherme.

Candido (2006) discorre que os escritos literários são como meio de aprimoramento do leitor. Transforma o indivíduo em um ser melhor, mais solidário e compreensivo. A característica apresentada por esse processo de humanização é a empatia, que conduz a identificação do leitor com o personagem, transpondo atributos para si. Sentindo a mesma dor que o personagem, transpondo de ficção em passível de humanização.

É a partir desse movimento que o leitor tem a percepção que o nobre rapaz, perde a razão e se deixa levar pela emoção, travando uma guerra emocional que o leva a praticar o ato final. Depreende-se que o efeito Werther se consolida na materialidade humana do jovem em se permitir amar e, se espelha em outros que talvez sofram pelos mesmos pensamentos, o que perpassa de geração a geração.

Assim, na tentativa de apresentar novas amarras à trama, suscitando elementos significativos que me vieram à mente apresento um insight de forma a costurar dúvidas que permeiam minha mente como qualquer jovem que leu Werther, que amou e, outrora, tenha se desesperado em busca de respostas para angústias sofridas.

Insight: leitura e escrita literária, reflexões para os instantes finais da obra

Tendo por foco a valorização da obra para o leitor e a concepção de que a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados (CHARTIER, 1998), exploro novas significações para a parte final da trama, no que tange ao suicídio em busca de respostas que Goethe permite seu leitor interpor. Assim, em exercício de produção criativa amplio novos olhares para a obra e, em especial, para o personagem Werther.

Passo, pois, a descrever caminhos para a leitura reflexiva e demonstrar como a literatura permite o estímulo do processo de criação e recepção do leitor. A partir de eventos transcritos na obra, demonstro aspectos constitutivos que permeiam os momentos finais da obra, apresentando novos elementos ‘possíveis’ no fomento à leitura e à escrita literária.

Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro, mas como tudo ficou em silêncio depois disso, não deu maior atenção ao caso. De manhã, por volta das seis, o criado entrou no quarto com a lamparina nas mãos. Encontrou seu senhor prostrado ao chão, a pistola e sangue... [84]

Não me resta dúvida, a paixão desenfreada, os sentimentos exagerados ceifaram a vida do nobre rapaz. Lendo, porém, os detalhes, pondero em alguma lacunas a fim de que pudesse compreender o que de fato ocorrera no fatídico dia entre às 23 horas e meia noite.

Olhando atentamente para os documentos de Werther guardados por Guilherme, como cartas, rabiscos, traduções e

alguns poemas direcionados à Carlota, releio os minutos finais do insano mancebo e, me prendo em espaços que precisam ser preenchidas. O pressentimento de Carlota parecia dizer-me mais do que seus olhos diziam.

... Correu ao médico, a Alberto. Carlota ouviu o toque na campainha, um tremor envolve todos seus membros. Acorda seu marido e levantam-se. O criado, chorando e balbuciando, traz a notícia, e Carlota cai desmaiada ante Alberto. [84]

Que Carlota amava Werther, não me é mais segredo, as cartas do enveredado denunciavam que, mais do que o afeto demonstrado ao amigo, Carlota o amava. Duas coisas, porém, prenderam minha atenção: *o silêncio do vizinho* e *a exposição de Carlota ante o marido ao saber da morte de Werther*.

Triste fim, o moribundo não merecera nem ao menos um enterro digno: “O velho e os filhos seguiram o corpo, Alberto não teve forças. Temia-se pela vida de Carlota. Foi carregado por operários. Nenhum sacerdote o acompanhou” [84]. Pasmo em ler nos escritos de Guilherme, personificando o amigo e testemunhando tal ato desumano e cruel.

Werther havia sido julgado e condenado, pois nenhum sacerdote lhe dera ao menos a extrema unção. Talvez, somente se talvez Alberto estivesse lá, homem influente, com suas posses e respeitado, Werther não estaria condenado à eterna culpa. Mas, lembro-me de que Alberto não fora ao enterro, pois estava a cuidar de Carlota.

Após momentos reflexivos, em que me atrevo a buscar respostas, coloco-me a transcrever a carta, na tentativa de responder os vazios que me inquietam. São relatos curtos,

rabiscos e bilhetes que se mantiveram transcritos ao longo do tempo e percorreram a história de Werther. Eis, a carta datada em dias recentes:

Dias atuais: 2023

Quantos anos se passaram. Séculos a fio. E, a triste e ao mesmo tempo emocionante história de um jovem mancebo que se enamorara à primeira vista, por um amor mortal, cravado pela tragédia ainda me perturba. Tentando preencher os espaços acerca dos últimos momentos da vida de Werther, atrevo-me a procurar os documentos guardados por Guilherme, que podem conter registros de fatos, sensações e segredos do jogo amoroso do Protagonista.

Já desistindo, como quem aceitara o fatídico suicídio, por entre alguns papéis, manchados em lágrima e sangue, leio a citação: “*Hoje terei forças, confessarei o meu amor; e seguiremos juntos, C.*” Não era uma carta como às que já havia lido, era um bilhete. Uma escrita como quem disporia de pouco tempo para fazê-la. Uma comunicação intrigante endereçada a Werther e assina por C. “Carlota”, a voz que pedia ao amado que não tirasse a própria vida. Tudo haveria de ficar bem!

Amassado, borrado entre lágrimas e sangue de quem recebera e entendera que o amor por Calota era correspondido, a morte, portanto, não seria mais um fardo necessário. Estariam juntos, enfim, até a meia noite daquele dia. A última frase da comunicação instava com manchas de sangue: “à meia noite, iniciamos uma nova vida”.

Werther recebera o bilhete e o guardara junto às pistolas. Lia e relia com fervor. Dizia em um de seus escritos finais, omitido

por Guilherme, talvez por acreditar que seriam apenas devaneios: “*Ela as tocou e as mandou para mim, mas não permitirá que eu as use, amigo Guilherme.*”

Então, por que mesmo sabendo que as coisas mudariam, nosso jovem se atrevera a consumir-se em morte? Desolado, não compreendendo o que sucedera no desfecho, procuro pistas que poderiam me instruir. Insistente, busco com tato detalhes, provas em todos os lugares que imaginava possibilitar alguma resposta.

Ao longe, no canto da velha sala, uma escrivaninha, com gavetas surradas pelo tempo, dentre as três que formava um gaveteiro, a última estava como que trancada. Após, abri-la encontro um papel amarelado intitulado em letras garrafais “CONFISSÃO”. No entanto, datado de 1800, mais de 25 anos após a morte de Werther.

Ao ler a carta composta de pelo menos quatro páginas, começo a preencher alguns vazios de significações. Assinada por “C”, componho a ambientação dos últimos momentos da vida de Werther que a história não nos proporcionou:

“Quando o criado fora buscar as pistolas, eu, Carlota, as limpei e junto a elas, entreguei-lhe um bilhete dizendo que confessaria a Alberto o meu amor por Werther e que à meia noite ambos fugiríamos. Alberto, no entanto, desconfiara de minhas intenções e me prendera no quarto para que eu não conseguisse o intento (...). Alberto, fora ao encontro de Werther após me forçar a lhe dizer sobre a trama e o fato fora consumado”(sic)

Carlota termina sua carta, revelando algo jamais impensado pelos leitores, que poderia desfazer qualquer característica psíquica do amado, que a essa altura, pelas revelações, já não me restavam dúvidas que ela o amava. Assim,

termina sua carta dizendo ter certeza de que “*Werther já havia decidido viver e, sabe que Alberto fora o algoz.*” O suicídio? Werther não cometeria. E, encerra a dizer:

O vizinho viu tudo, mas o medo o fez se calar. Só anos depois me confessou algo que eu já sabia, pois ouvi os detalhes sórdidos da própria boca de Alberto (...). Alberto chegou à casa de meu amado no horário marcado por mim. Discutiu com Werther e um clarão foi visto, junto a este um estampido, um tiro certo que chamou a atenção do vizinho (...).

Depois, Alberto vestiu o jovem com uma roupa costumeira. Mexeu em uns livros como quem estivesse a ler, deixando-o próximo a Werther e, apressadamente saiu da casa do amigo (...).

Não me foi permitido nem ao menos despedir de meu amado! Alberto não deixou. Ele não foi ao enterro por remorso. Cometeu assassinato e permitiu que meu amor fosse alcunhado por suicida! E, assim, se fez Werther e seus efeitos para todo sempre (...).

Desde que a primeira dança, o amei. Amei com a alma, mas o medo, a vergonha não me permitiu sentir a mais profunda emoção e, retribuir o amor que ainda sinto como chama acesa. Agora, que Alberto partiu para o sono profundo, tenho coragem de confessar o que me rasga o peito em dor.

Amigo Guilherme, quando ler essa mensagem já estarei entregue ao Hades e, quem sabe, encontrarei respostas para a eternidade. Com dor e pedido de perdão, Carlota.

Consternado, fecho as páginas já gastas com cuidado necessário para que não se percam, mas as guardo comigo. Componho um cenário que rompe as barreiras do tempo, escancaram uma nova percepção para o nobre Werther. Preenchidas as lacunas históricas, mantenho apenas para mim

as respostas que me surpreendem a alma. Não tenho direito de mudar essa história. Werther não apenas passou pela vida como um espectro de homem, sofreu e amou, enfim, viveu! Já me é suficiente.

Considerações Finais

A literatura tem papel libertador. Age diretamente no leitor e possibilita interações sensoriais com o texto. Por ser concebida de significações permite ao leitor adentrar no mundo da escrita e se reconhecer a partir dos sentidos que a leitura manifesta em si. A leitura de uma obra quando vista não como protocolar possibilita a imersão em possibilidades.

A obra de Goethe narrada por meio do gênero epistolar conduz ao leitor a um drama do amor impossível, de quebra de paradigma, ou mesmo, da constituição de um personagem que se destitui de suas camadas sociais, por ser de boa família, atrelada a valores e submete-se ao âmago dos sentimentos, guinado por uma a uma paixão em que há uma linha tênue entre vida e morte. Passa, pois, a negar a si e a sociedade e a se despir de qualquer moralidade que lhe é imposta pelo desejo que arde mente e coração.

Werther, como personagem central da obra, há muitos anos tem sido lido e relido por muitos amantes da literatura, mas quando o leitor se adentra no universo do herói, buscando a compreensão de seus sentimentos, partindo para uma compreensão mimética da trama, se experimenta a arte em sua essência. A leitura sai do nível da ficção e parte a ter sentido, se manifesta como personificação, questiona e transforma.

O exercício da leitura proporcionando espaços para a

criação e recriação de significados, oportuniza a aproximação de leitor e obra, assim, o fundamento da leitura literária e sua receptividade propõem espaços para o deleite estético e a compreensão das relações sociais quando combinadas entre si.

Nessa ótica, a discussão sobre uma educação formativa, que produza bons leitores no sentido de que este saiba apreciar o lê deve ser incorporada à sua prática de leitura cotidiana. Sendo assim, é de suma importância a busca pelo desenvolvimento de práticas formativas que consigam aliar-se à realidade dos jovens, articulando, principalmente, com suas angústias, medos e pensamentos sobre a sociedade, buscando aproximar o leitor da leitura literária, permitindo-lhe uma viagem pela imaginação.

Nesse estudo foi apresentado como exercício de escrita criativa um universo de perspectiva de significações para o texto. Sob essa ótica, observa-se que o leitor, ao tornar-se também um escritor, coprodutor, tem consigo experiências que se somam à leitura e se constituem em novas ressignificações. E, é ele (leitor) que agrega valor ao texto. A obra passa de estática para produção de diversos sentidos e significações.

Salienta-se que é primoroso no ensino literário o prazer do ato de ler. Assim, o uso do livro, como ferramenta de ensino, nasce da relação que se estabelece com seu leitor e mediador, convertendo essa parceria em ação de criação e recepção (BARTHES, 2013). A capacidade crítica de receber uma obra, de se apropriar dela e, permitir novas significações da materialidade ficcional, pode atingir o leitor e fazê-lo refletir sobre si mesmo e, ainda, ampliar a visão para o meio social.

É essa a função da literatura, se é que esta tem uma função. Quando a arte de compor palavra é vista como meio de se

humanizar a sociedade, diz-se que ela apresenta, dentre outras coisas, as relações contraditórias de mundo, por permitir que o leitor tenha a percepção de si de um modo mais profundo e, a partir disso, transmitir também o ideal de fantasia.

Evidencia, dessa forma, a construção da escrita literária enquanto estética e produz voz que ecoa e perpassa gerações, desfazendo o silenciamento social e reescreve a história emanada de novos sentidos para o indivíduo. E, quando aliado a condições de percepções significativas, o leitor passa a ter papel preponderante na trajetória desse processo criativo.

Referências

ALMEIDA, Ana Felipa. *Efeito de Werther*. In: Análise Psicológica (2000), 1 (XVIII): 37-51. Disponível em: <http://www.brasilsemviolencianamidia.org.br> (Acesso: 05/11/ 2022)

BACKES, Marcelo. *Prefácio, comentários e notas*. In: GOETHE, Johann Wolfgang, Von. Os sofrimentos do jovem Werther [recurso eletrônico] / tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. – Porto Alegre: L&PM, 2010

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. Trad: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial/ Ed. UNESP, 1998.

GOETHE, Johann Wolfgang, Von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

MARQUES, Mayana. *O que é Platonismo*. In: Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em: <http://www.Platonismo-Filosofia Enem/EducaMaisBrasil>. (acesso: 18/10/2022)

MIRANDA, Ana Paula de Melo e CUNHA, Camila Bandeira. *Caracterização do gênero epistolar: carta do leitor*. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51874/1/2006_capliv_apmmiranda.pdf. (acesso: 12/01/2023).

PACHECO, Denis, *Roma antiga tratava as com rigor infidelidades, mas só mulher*. Disponível em: Jornal da USP: 2017, www.romaatigatratavacomrigorinfidelidade,massodaMulherJornal da USP. (acesso em: 20/01/2023)

VITORINO Isabelle, *Resenha Especial: Os Sofrimentos do Jovem Werther* por Johann Wolfgang von Goethe. Mundo dos Livros, 2020. Disponível em: Desafio Literário: Mundo dos Livros | Mundo dos Livros (acesso em 20/09/2022)

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*-3ª ed. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.

Recebimento: 17/02/2023

Aceite: 15/03/2023